



Voz do Santuário

ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

PROPRIEDADE DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DAS PRECES • TELEFONE 912 DE GALIZES : : : : : DIRECTOR E EDITOR PADRE MÁRIO OLIVEIRA DE BRITO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ALDEIA DAS DEZ • OLIVEIRA DO HOSPITAL • COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA DE COIMBRA, L.DA • LARGO DE S. SALVADOR, 1-5 • COIMBRA • TELEF. 24787

A FESTA DA PÁSCOA

Já vem do tempo de Moisés, portanto muitos anos, talvez muitos séculos, antes de Jesus Cristo.

No tempo dos Judeus a Páscoa tinha um significado diferente do que hoje tem. Era a comemoração dos prodígios que Deus operou para libertar o povo de Israel da tirania e do jugo dos faraós, reis do Egipto.

Os israelitas viviam oprimidos no Egipto e Deus ordenou a Moisés que fosse falar com o faraó para deixar sair o povo. O rei recusa-se a deixá-lo sair e manda vários castigos — conhecidos na história pelas pragas do Egipto. Nem assim o faraó se resolve. O seu coração continua endurecido e insensível. Deus ordenou, então, a Moisés que todas as famílias matassem um cordeiro e com o sangue dele fizessem um sinal nas portas. O Senhor passaria de noite e feriria de morte todos os primogénitos dos filhos dos egípcios e pouparia todas as famílias israelitas.

Só então o faraó temeu e tremeu pois nem o filho dele foi poupado.

Chama Moisés e dá-lhe ordem para sair com o povo, com receio de que nem o próprio rei escapasse.

Moisés falou ao povo e uma multidão de quase seiscenta mil pessoas não contando as crianças, pôs-se em marcha a caminho da Terra da Promissão.

Porém, quando chegaram junto do Mar Vermelho viram que os exércitos do faraó vinham sobre eles para os obrigarem a voltar para trás.

Moisés pediu a Deus que lhes acudisse em tais apuros e aflições e Deus disse a Moisés que pegasse na vara, a levantasse sobre as águas do mar e imediatamente as águas se dividiram, formando um largo canal por onde todos os israelitas puderam passar a pé enxuto.

Quando todos já estavam salvos do outro lado do mar, a um novo sinal de Moisés, as águas juntaram-se novamente e sepultaram no fundo do mar os exércitos do faraó que queriam aproveitar aquela passagem para continuar a perseguição dos israelitas. Só então é que o povo de Israel ficou livre, e pode continuar a sua viagem.

A palavra Páscoa quer dizer «passagem» e era para comemorar a passagem do Senhor e a passagem do Mar Vermelho, ambas realizadas no meio de grandes prodígios, que os judeus celebravam a sua Páscoa.

Para os cristãos a Páscoa tem outro significado mais alto, mais sobrenatural, mais divino: é a comemoração da ressurreição do Senhor.

A Páscoa dos judeus era uma festa de acção de graças que era celebrada de geração em geração, para comemorar a sua libertação do cativeiro do Egipto. A Páscoa dos cristãos é também uma festa de acção de graças pela nossa libertação do cativeiro do pecado.

Páscoa — passagem de Cristo da vida à morte; da morte à vida e do mundo ao Céu.

Páscoa — ressurreição do Senhor, penhor da nossa ressurreição, fundamento da nossa Fé, e da nossa esperança.

Visite o SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES por ocasião das suas grandiosas festas.

Heróicos Soldados

Em Negage, ao norte de Angola, estavam dez pára-quadistas, guardando a povoação. Ataques eram de temer, embora nada de positivo se soubesse. Resolveram averiguar nas redondezas, em busca de um eventual atacante, porventura oculto no mato. Dos dez, seis permaneceram na vila, e os outros quatro saíram para os arredores, a bastantes quilómetros de distância. Não hesitaram em entrar no capim extenso, alto como gigantes!

Quatro arrojados pára-quadistas heróicamente saíram, deste modo, em busca de qualquer inimigo que porventura ali estivesse, aguardando a noite, a noite cúmplice de chacinas e de crimes horrendos...

E ali estavam, ocultos no capim, nada menos do que duzentos terroristas armados, à espera da noite para um assalto a Negage. Duzentos terroristas que prontamente foram sufocados pelos nossos bravos e heróicos pára-quadistas!

Desses duzentos, noventa e sete eram estrangeiros e constituíam possivelmente, os quadros da coluna assaltante. Estrangeiros a soldo do Alto Comando Comum Africano — o fomentador de guerras, o animador de matanças, o impune órgão da subversão africana!

Mas os matadores não hão-de passar! Portugal nasceu e cresceu a combater; a valentia é timbre português. E se ela tiver que ser posta à prova, como o está sendo — em face de vis ataques à nossa soberania, organizados no estrangeiro com o apoio cúmplice da O.N.U. — todos saberão erguer a cumes de glória os pergaminhos heróicos do Exército Português!

Já acertaram o relógio?

A propósito: sabem quantas horas há? Hora velha, hora nova, hora do sol e... ora bolas!

No meio destas andanças e desandanças o sol fica-se a rir, porque a ele é que ninguém vai adiantar ou atrasar.

REGISTE-SE, PARA QUE CONSTE

O Santuário da Senhora das Preces tem agora meia dúzia de inimigos que estão na disposição de empregar os seus melhores esforços para deitar abaixo o Santuário.

Depois de percorrerem a via sacra lacrimosa; depois de baterem a muitas portas e não serem satisfeitos os seus intentos; depois de nos acusarem duas vezes, pelo menos, aos nossos Superiores;

depois de verem que não têm, nem a razão nem a lei ao seu lado, resolveram empregar a força e praticar actos que não são próprios de pessoas civilizadas.

Assim, no domingo de Páscoa um deles praticou, dentro do recinto do Santuário, actos que não abonam a sua educação e uma placa, que há mais de um ano, estava colocada a uns cem metros do cruzamento da estrada municipal com a estrada florestal, foi arrancada e projectada para um pinhal, à beira da estrada.

Foi sempre assim: quando se não tem a força da lei, quer-se impôr a lei da força.

Já aqui teriam chegado os ventos negros dos lumumbistas do Congo? Ou haverá por cá admiradores e amigos do pirata Galvão? A verdade é que no dia das Boas-Festas os tais inimigos do Santuário fugiram de casa, certamente com medo da Cruz e da água benta.

FESTA DA SENHORA DAS PRECES

As grandes e tradicionais Festas em honra da Senhora das Preces realizam-se nos dias

20 e 21

do mês de Maio próximo, com as mesmas solenidades do costume.

Alguns feirantes já mandaram reservar lugares e já foi feito o contrato para a iluminação das capelas e recinto do Santuário.

AVISO AOS MOTORISTAS DE CAMIONETES DE CARGA

A placa de aviso que estava colocada perto da povoação de Vale de Maceira, no cruzamento da estrada municipal com a estrada florestal, foi arrancada, por mãos criminosas, para dar a entender que o trânsito de camionetas de carga se pode fazer através do recinto do Santuário.

Quer a placa continue lá quer não, as camionetas de carga poderão ir à povoação de Vale de Maceira, que ninguém as estorva, mas é-lhes proibida a passagem através do terreno do Santuário e poderão sujeitar-se a consequências desagradáveis.

Respeitem as placas de sinalização para não termos de pôr em prática outras medidas, que muito desejaríamos evitar.

Carreira DE VALE DE MACEIRA A TÁBUA

A carreira de passageiros entre Vale de Maceira e Tábua que era explorada pela empresa de Vila Nova de Oliveirinha, foi comprada pela empresa Joaquim Martins da Fonseca, L.da, da Ponte das Três Entradas.

Por todo o mês de Abril começará a efectuar-se com camionetas e pessoal da empresa da Ponte das Três Entradas.

Assine A VOZ DO SANTUÁRIO

A N O X I
9
ABRIL • 1961
N Ú M E R O 1 2 6

Notícias de

S. Vicente da Beira

— No dia 4 de Março — precisamente um mês após o assalto ao quartel da P.S.P. de Luanda, em que perderam a vida alguns dos nossos irmãos portugueses em defesa da ordem do nosso querido Portugal — recebeu esta terra de S. Vicente um filho que ali também perdeu a vida.

O corpo do Joaquim Baptista, nascido no povo de Pereiros, anexa desta freguesia (estava para casar por procuração na próxima Páscoa) chegou acompanhado das autoridades civis e militares, tendo no dia seguinte missa de corpo presente. Foi sepultado no nosso cemitério com as maiores honras e acompanhamento de que aqui há memória.

Três descargas de honras militares se ouviram. E às lágrimas da noiva e aos clamores dos pais que na sua dor e saudade beijavam a urna que, coberta por um montão de coroas e flores, envolvia o corpo do filho querido, não houve nesse momento corações que não se comovessem e nem olhos que não chorassem também de emoção e ao mesmo tempo de repulsa pelo acto praticado pelos invejosos da paz que há tantos anos usufruímos.

Fica muito bem aqui o nosso querido conterrâneo no cemitério da sua e nossa terra, para nos servir de exemplo no cumprimento do dever que temos para com a nossa Pátria bem amada.

E se S. Vicente se lamenta de ter perdido um filho, honra-se de ter ganho um herói!

— Certamente já é do conhecimento de todos os vicentinos que, além da carreira de camionetas que tínhamos, há também agora nas 2.^{as} feiras e Sábados uma outra de Castelo Branco ao Fundão a qual sai dali às 8 horas, passando nesta vila às 9,15 e chegando ao Fundão às 10 horas. Voltando depois para Castelo Branco às 14,40 horas passa aqui em S. Vicente pelas 15,45 e chega à cidade às 16,52.

— Também os «Unidos» de S. Vicente da Beira em Lisboa anunciam uma grandiosa excursão por alturas da festa a Nossa Senhora da Orada, que terá lugar no 4.º Domingo do próximo mês de Maio. Torna-se digna de nota a resolução tomada de no trajecto visitarem o Santuário de Nossa Senhora das Preces.

E fazem muito bem os amigos «Unidos», porque:

*Nossa Senhora das Preces
E a Senhora da Orada,
São dos pobres pecadores
A mesma Mãe adorada.*

NASCIMENTOS

O assinante da *Voz* Sr. Manuel Nicolau Craveiro, digno agente da P.S.P. e esposa D. Maria do Carmo Apolinário Craveiro, residentes em Lisboa foram em 18 de Fevereiro p.p. apresentados com a sua primeira filha, recebendo o nome de Maria Manuela Apolinário, pelo que muito os felicitamos, bem assim como aos avós da pequenina, Sr. António Craveiro e esposa D. Maria da Luz Nicolau Craveiro e a sua avó D. Maria de Jesus Duarte Apolinário, aqui de S. Vicente da Beira.

— Também pelas 17 horas do dia 28 do mesmo mês de Fevereiro nasceu na maternidade da Beneficência Luso-

-Brasileira de J. Paguá, Estado do Rio, o primeiro filhinho da estimada assinante da *Voz do Santuário* D. Maria Libânia Craveiro Nicolau Soares e de seu esposo o Sr. Alcino António Oliveira Soares o qual contitue o seu maior enlevo, pelo que muito os felicitamos.

Este robusto bebé é o primeiro botãozinho da flor a que se fez menção no jornal n.º 120 da *Voz do Santuário*.

Nossa Senhora das Preces proteja o pequeno brasileiro e dê saúde aos pais para o criarem no bem, no amor e na religião dos seus progenitores.

BAPTIZADO

— No dia 12 de Março recebeu o santo baptismo o primeiro filhinho do estimado assinante da *Voz do Santuário* Sr. Francisco António Nicolau e de D. Ludovina Maria Serra Nicolau, residentes em Vila Franca de Xira, recebendo o nome de Fernando Luiz da Silva Nicolau. Foram padrinhos seus tios o Sr. Joaquim dos Santos Roque e esposa D. Maria José Nicolau Roque, de S. Vicente da Beira onde residem também seus avós o muito apreciado assinante da *Voz* Sr. António Maria Nicolau, digno sacristão da nossa igreja, e a Sr.^a D. Ângela Craveiro Nicolau.

Pedimos também a Nossa Senhora que proteja o pequeno Fernandinho, bem como aos pais, padrinhos e seus avós.

A nóvel equipa do «Boavista» formada no pequeno Povo do Casal da Fraga (os homens não se medem aos palmos) estreou-se no dia 26 de Fevereiro, no campo das Devesas, a competir com o Benfica da vila. E no dia 12 de Março jogou contra a equipa do Sporting do Povo dos Pereiros, ficando vitorioso por 2-1 e por 3-2 respectivamente. Alinharam da sua parte o capitão da equipa João Simão, Francisco Manuel (guarda-redes), Jerónimo Mateus, Oliveira Craveiro, Francisco M. da Silva, Aurélio, Apolinário, Marcelino, Hipólito Jerónimo, Jerónimo dos Santos e Oliveira Jerónimo.

Deram o pontapé vitorioso, no primeiro desafio Jerónimo Mateus e Francisco M. da Silva e no segundo, João Simão, António Inácio e Marcelino.

Está prometedora o terrível «Boavista» do Casal, mas o pior estará para vir. Portanto não deem todos os foguetes no princípio da festa e lembrem-se de que lá diz o ditado: *jogador não te alegres!*

— Celebraram-se aqui no dia 16 de Março os «Ofícios» de sufrágio por alma dos irmãos falecidos da Irmandade do Santíssimo Sacramento, tendo como pregador o Rev.º Senhor Padre Sílvio, que tão proficientemente soube prender a atenção e comover os que tiveram a dita de o ouvir.

Honras lhe sejam.

— Deram-nos o prazer da sua visita o Sr. João Craveiro, de Lisboa, avô da mais nova assinante da *Voz do Santuário* a menina Isabel Maria Pessoa Craveiro, tendo-nos confiado 20\$00 para Nossa Senhora por ter protegido sua netinha numa operação às amígdalas a que se submeteu e da qual está completamente restabelecida. Veio acompanhado de seu irmão António Craveiro, desta Vila e de seu sobrinho Virgílio, de Lisboa.

De

Alvoco de Várzeas

ALVOCO DE AQUÉM E ALÉM FRONTEIRA

Naquele dia chuvoso em que o nevoeiro toldava o ar e a nossa alma e entramos pela primeira vez nesta terra, achámo-la pequena de horizontes muito limitados. Passaram os dias e a mesma ideia persistiu ainda na alma enevoada. Porém, mais tarde, os nevoeiros dissiparam-se e começámos a ver melhor e Alvoco apareceu-nos em toda a sua extensão e grandeza. Soubemos que para além da «Fronteira» havia ainda uma grande parcela de Alvoco, pois em cada lugar onde vivia um Alvocense, havia uma parcela da sua terra. Pareceu-nos então que havia um recanto de Alvoco em Buenos Aires, no Pará, no Rio de Janeiro, em Luanda, em Lisboa, etc.. São testemunhas abonatórias desta afirmação José da Fonseca Pereira, grande amigo da sua terra, que numas curtas férias manifestou quanto lá longe se ama a terra que lhe serviu de berço.

NA MÃO DE DEUS

No passado dia 18 do corrente finou-se, confortado com os Sacramentos da Santa Igreja o Senhor Manuel Moreira da Silva.

Sentimos profundamente o seu falecimento pois o Senhor Moreira contava apenas cinquenta e um anos de idade e alimentava o desejo de ver formada a sua filha Maria da Conceição da Fonseca Moreira.

Ao seu funeral assistiram numerosas pessoas que em vida lhes tinham dedicado a sua amizade.

À sua esposa e filha os nossos sentimentos pêsames; para a sua alma pedimos ao Senhor que lhe dê o eterno descanso.

AGRADECIMENTO

A Senhora Aurora da Fonseca e sua filha Maria da Conceição da Fonseca Moreira agradecem a todas as pessoas que generosamente as acompanharam no transe doloroso do passamento do seu esposo e pai.

Visitar o

Santuário de Nossa Senhora das Preces

é visitar um dos mais belos e pitorescos santuários do país.

— Veio também a Sr.^a Maria da Piedade Candeias Paulino, desta vila, trazer-nos a importância referente a três anos da assinatura da *Voz*, de sua Tia a Senhora D. Maria da Piedade dos Santos Candeias, de Lisboa.

Para todos mais uma vez vão os nossos agradecimentos.

— Fez 70 anos no dia 26 de Fevereiro o assinante da *Voz*, Sr. António Craveiro, digno Regedor desta Freguesia, tendo na véspera feito também 35 anos sua filha D. Ilda Nicolau Craveiro, esposa do Sr. Mário da Silva Jerónimo, agentes da G.F., residente sem Lisboa. Que façam muitos anos felizes e alegres, são os nossos votos.

J. L.

PORTUGAL ETERNO

*Ó meu Portugal bendito
Não temas o inimigo
Porque Deus, ao ver-te aflito
Estará sempre contigo.*

*Protegeu-te sobre o mar
E às tuas Caravelas,
Ensinando-te a lutar
Contra a fúria das procelas,*

*Mas és agora atacado
E pior que o mar revolto,
Há lobos no povoado!...
Não durmas a sono solto.*

*Invejam o teu Império
D'além mar. Eis aí
Porque uivando em tal critério
Tens os Galvões contra ti!*

*Verberando os malfeitores
Tens amigos valorosos
Que inaltecem os primores
Dos teus feitos gloriosos,*

*Porque são conhecedores
De que em ti, país de bravos
Não há raças nem há cores,
Mas há irmãos — não escravos.*

*Sabem que através do mar
Leva a Lusa gente sã
Aos irmãos, a salutar
Civilização Cristã*

*E em trabalhos insanos
Lá consome as energias
Há quase quinhentos anos!
— Não são nenhuns cinco dias.*

*Deixai Portugal daquém
E dalém Ultramarino,
Que p'ra vos guiar no bem
Ele é um Farol divino!*

*O domínio Português
Iguala os filhos amigos,
Disseram-no muita vez
Já os nossos Reis Antigos.*

*Arrancar o Ultramar
À portuguesa Nação!...
É querer-lhe separar
A alma do coração.*

*Se os Lusos fossem privados
Dos irmãos, como apregoam!
Eram roubos prepetados
E roubos não se perdoam.*

*E se os ímpios de más famas
Chegassem a esse cúmulo!...
Até Dom Nuno e os Gamas
Erguer-se-iam do túmulo.*

Todos são iguais perante a lei

Dizem de Estocolmo que o Rei da Suécia terá de pagar a multa de 15 coroas (87\$00) por não ter gravado o seu nome na coleira do seu cão, como exigem os regulamentos.

O cão fugiu do palácio, a polícia apanhou-o e levantou o auto. Assim, sim. Todos são iguais perante a lei.

*Os teus mais vis detractores
Nada de bons têm de seu.
E tu tens p'ra lhes opores
Um-Chefe que Deus te deu.*

*Ó meu Portugal cristão!
Tens no planalto d'Almada
O divino guardião
Da tua paz ameaçada!*

*Terra de Santa Maria!
Eis porquê ó Pátria minha,
Tens na Cova da Iria
a tua Excelsa Rainha!*

*Poderás ser perseguido
Meu Portugal adorado!...
Mas nunca serás vencido
Porque tens Deus de teu lado.*

*E o Senhor do Planalto
Dar-te-á força que baste
P'ra livrares dum assalto
As Terras que conquistaste*

*E onde com tanto amor
A Sua Fé dilataste.*

J. L.

FILHOS PREFERIDOS

Os pais e mães nunca deveriam esquecer esta regra de ouro: Tratar todos os filhos por igual, sem diferenças que denotem preferências ou antipatias.

O seguinte exemplo é da Sagrada Escritura: Jacob tinha doze filhos. O Pai amava os filhos, os filhos amavam o Pai, e os irmãos amavam-se mutuamente. Mas José foi crescendo, e Jacob «amava mais José que a todos os outros filhos, porque era o filho de sua velhice». A esta altura muda-se a cena: A paz converte-se em discórdia, o amor em ódio, a fraternidade em inveja, o sangue em vingança.

Faltou a paz na família porque faltou a igualdade no pai.

A igualdade fomentava o amor: a desigualdade de trato motivou a desavença.

Em que consistia aquela desigualdade e qual a diferença de tratamentos? Que é que fez Jacob? Porventura deserdou os outros para que José fosse o único herdeiro? — Nada disso! — Por acaso tratava os outros filhos como escravos e só a José como filho? — Também não. O que perturbou a paz bendita daquela família foi somente que Jacob fizera para José uma túnica de cores mais lindas do que para os outros filhos. E, foi só esse o motivo da discórdia.

Não despiu uns para vestir aquele; A todos provia, a todos vestia. Mas a túnica de José era de cores mais garridas e isso bastou. A inveja surgiu e logo aquela túnica se viu um dia tingida de sangue.

Por um deslize no seu amor de pai José seria morto pelas mãos de seus próprios irmãos, se a Divina Providência não tivesse disposto de outro modo.

Taxa Militar

Não se esqueçam os interessados de que a taxa militar na importância de 60\$00 é paga nos meses de Abril e Maio.

FADIGAS SEM PROVEITO!..

Na corte de Henrique IV de França, durante um esplêndido torneio, apresentou-se um cavaleiro pedindo ao Rei licença para executar um jogo de admirável destreza, como jamais se vira em festa alguma. Concordeu Henrique IV e ficou para assistir.

O cavaleiro espetou no meio da arena um pau, e, em cima, enfiou uma agulha de coser. Nos olhos de todos cintilava a curiosidade.

Ei-lo, de pé, na sela de um cavalo, a agitar na mão direita um longo fio de linha, e depois, lançando-se de corrida para o pau, ei-lo a enfiar a agulha e a retomar o fio na parte oposta, sem parar.

Entre os aplausos-efusivos ele se apresenta ao Rei para receber um pré-Rei fala desta maneira:

— «Quantos anos empregaste para este trabalho?»

— «Doze anos. Experimentei, tornei a experimentar, labutei por longos doze anos».

— «Pois bem, respondeu o Rei. Ficareis no cárcere doze anos, pois outros tantos desperdiçastes sem honra para o vosso Rei, e sem utilidade para a vossa Pátria!...»

Parece-me, leitor amigo, que a alguns de nós haverá de acontecer a mesma coisa no fim desta vida. Repara como te afadigas com coisas de nenhum valor para a Eternidade... Não te digo que não se deve trabalhar para garantir o futuro próprio e o dos teus. O trabalho é honra e até... oração!... Mas o que não deves é prender-te tanto com coisas que hão-de acabar, a ponto de não prestares atenção às coisas da alma; estas é que devem ocupar sempre o primeiro lugar.

Ora repara:

Quantas horas gastaste a pentear o teu cabelo, a endurecer as pálpebras, a polir as unhas?... Quantas horas gastaste a informar-te dos resultados da bola, dos baloiços da política, da vida dos vizinhos?... Quantas horas na má língua, nos maus intentos, nas tentativas pecaminosas, nas acções indignas de um homem consciente?!...

E, agora, compara:

—Quantas horas empregaste no sacrifício, no jejum, no oferecimento de todas as actividades de cada hora? Quantas horas gastaste a informar-te de como hás-de salvar a tua alma? Quantas a ouvir a palavra de Deus através dos sermões ou homilias, quantas a ler a Bíblia e o Evangelho?

Quantas horas gastaste na oração, quantas a fazer apostolado a favor dos teus vizinhos, companheiros de trabalho? ...Isso mesmo: faze as contas, mesmo a lápis... já viste qual é o prato da balança que mais pesa?...

Há-de vir um dia (talvez mais depressa do que julgas) em que terás de mostrar ao teu divino Juiz o que fizeste durante os anos que ele te deu de vida. E, quando, como o cavaleiro de França, julgares que vais receber um prémio de tão agitada vida, ouvirás a tua condenação:

«Tu que viveste sem Mim, ficarás preso para sempre no Inferno, porque gastaste os talentos que te dei, na satisfação dos teus instintos animais, e nada fizeste para a salvação da tua alma; nem foste útil ao teu Rei, nem à tua Pátria...»

Leitor amigo: não vale a pena perder o tempo com disfarces: é melhor tremar agora com proveito, do que depois sem remédio!...

P.º ALVES PAIVA

Assinaturas pagas

da VOZ DO SANTUÁRIO durante o Mês de Março

Com 10\$00 pagaram os Senhores: Álvaro de Brito, Muro — Vide Joaquim Domingos dos Santos, Silvadal — Vide

Baltazar Dias da Cruz, Vendas de Galizes

António Castanheira, Sandomil D. Maria da Conceição Duarte, Vale de Maceira

Francisco Dias de Oliveira, Penalva d'Alva

Manuel Cunha, Coimbra D. Celestina dos Santos, Coimbra

Adelino Dias Fontes, Coimbra Joaquim Ferreira, Castanheira de Pera

D. Leopoldina da Silva, Condeixa-a-Nova

Augusto Cristóvam, Coimbra Alfredo Tomaz, Gramaça

José Francisco Marques, Lisboa Fernando Gonçalves, Pomares

José Augusto Madeira, Aldeia das Dez João da Fonseca Ferreira, Alvoco de Várzeas

Jorge da Cruz Baptista, Porto D. Maria da Ressurreição Hall, Lagos da Beira

António José, Aldeia das Dez

Com 15\$00 pagaram os Senhores: Joaquim Afonso, S. Sebastião da Feira

D. Inocência de Jesus Lemos, Coimbra Manuel Pimenta da Silva, Celorico da Beira

Com 20\$00 pagaram os Senhores: António Henriques, Argentina D. Maria Ana Pinto Pizarro, Gouvinha

Alfredo Pereira Rebelo, Coimbra Serafim da Fonseca Morgado, Lisboa

D. Ofélia Silvestre Madeira, Barril d'Alva

D. Maria da Conceição Paiva, Barril d'Alva

António Gonçalves, Pomares Genésio Dias de Oliveira, Aldeia das Dez

António Mendes Abrantes, Vila Franca de Xira

Manuel Augusto dos Santos, Aldeia das Dez

D. Elisa Figueira, Alvoco de Várzeas. João Lourenço Quita, Coimbra

Prof. Jerónimo Sanches Pinto, Avô José de Moura, América do Norte

D. Silvina dos Anjos, Lisboa D. Etelvina Freire da Silva, Argentina

José Gomes Diniz, Covilhã

Com 30\$00 pagaram os Senhores: D. Maria Fernanda Alves dos Santos, Coimbra

D. Irene Planas, Coimbra

Com 50\$00 pagaram os Senhores: José Marques de Oliveira, Lobito José Carlos da Silva Oliveira, Aldeia das Dez

José de Oliveira Pacheco, Lourenço Marques

António da Silva, Lourenço Marques Com 60\$00 pagou o Sr. António Alves da Fonseca, Lisboa, e com 100\$00 pagou o Senhor José Henriques Cura, Galizes.

Por intermédio do Sr. José Lourenço de S. Vicente da Beira pagaram os Senhores:

Com 10\$00: D. Maria de Lurdes Simôa, Mourelo

José Jerónimo Rodrigues, S. Vicente da Beira

António Duarte Romualdo, S. Vicente da Beira

Joaquim Guilherme, S. Vicente da Beira.

Com 20\$00 a Liga dos Amigos de S. Vicente da Beira e com 30\$00 a Ex.ª Sr.ª D. Maria da Piedade dos Santos Candeias, Lisboa.

Um acto de HONRADÊS

No princípio do mês de Março recebemos uma carta duma nossa presada assinante de Loures, contando-nos um caso digno de registo, praticado pelo Sr. Alexandre Rodrigues Valente, morador no Porto de Mós, da nossa freguesia.

A carta diz assim: — «Em Outubro findo, fui em viagem ao norte do País. Aproveitei passar por Aldeia das Dez.

Na localidade denominada Ponte das Três Entradas estacionei por alguns minutos, mas foram suficientes para me causarem mais tarde grande inquietação. Assim em continuação da viagem, já perto do Porto, verifiquei que não levava a minha mala de mão que continha documentos bastante necessários, bilhete de identidade, etc. e a quantia de 1.200\$00.

Quando dei pela falta fiquei deveras aborrecida, visto que os documentos me faziam muita falta. Regressei imediatamente a Loures e passados poucos dias recebo em minha casa uma carta do Sr. Alexandre Rodrigues Valente, morador em Ponte das Três Entradas, informando-me ser possuidor da referida mala que por acaso encontrara. Passados poucos dias recebi em minha casa a mala com todos os documentos e com todo o dinheiro.

Fiquei radiante não só por reaver o perdido, como também por verificar que ainda há pessoas, que, apesar de pobres, sabem ser honestas.

Assim queria pedir ao Reverendo Padre, caso pudesse, o favor de publicar uma nota no seu Jornal exprimindo ao Sr. citado a homenagem que lhe é justa.»

Com o maior prazer publicamos este caso digno de registo e felicitamos a nossa presada assinante por ter reavido o perdido e felicitamos o Sr. Alexandre Rodrigues Valente, que é da nossa freguesia, morador no Porto de Mós, por ter praticado tão boa e louvável acção.

Novos assinantes

Deram-nos a honra de se inscreverem como assinantes da *Voz do Santuário* os Senhores: Sebastião Lopes Cardoso, Copacabana; Horácio da Cruz Pais, de Lisboa; Francisco Teixeira, Alvoco de Várzeas; Artur dos Santos Pereira, Rio de Janeiro; Álvaro Pereira Rosa, Coimbra; Joaquim Marques, Coimbra; Acácio Gouveia de Brito, S. Romão; José Luís da Silva Mendes, Beira; António João da Silva, Balocas; Abel José Gregório, Baiol. Os nossos agradecimentos.

Tríplice visão

A aparição da Sagrada Família aconteceu em 13 de Outubro, depois de findo o diálogo entre Lúcia e Nossa Senhora.

— Já me não quer mais nada? — perguntou a vidente.

— Já te não quero mais nada — respondeu a Virgem.

— Eu também lhe não quero mais nada! — rematou a Lúcia.

E a Visão apontando com o dedo para o Sol, começou a elevar-se lentamente no espaço.

Acerca do que depois se passou, são quase tantas as versões quantos os testemunhos. Não queremos porém fazer aqui a análise crítica dos depoimentos. Diremos apenas que as aludidas diferenças e contradições são psicologicamente compreensíveis e que apesar delas e através delas é possível chegar a esta conclusão certa:

Houve três visões distintas junto do sol, semelhantes a outros tantos quadros duma representação simbólica.

1.º ACTO — Findo o diálogo, a Mãe de Deus aponta com o dedo para o sol e começa a elevar-se lentamente, de costas para o povo, até desaparecer por completo nas alturas.

Os pastorinhos levantam os olhos na direcção indicada e contemplam a pri-

meira fase do milagre do sol que escurece sensivelmente («parecia a lua») e roda sobre si mesmo, emitindo raios de várias cores, «cores muito bonitas», no dizer de Francisco, encarnadas, verdes, azuis, amarelas e outras. É nessa hora que Lúcia grita:

— Olhem para o sol!

A multidão obedece e passa a contemplar o sensacional espectáculo que daí em diante deixa de interessar às crianças, porque outra visão se lhes depara no Céu. É uma visão deslumbrante que a luz ultrapassa, de longe, a do próprio sol.

Dum lado do sol está S. José, com o Menino Jesus, vestidos de encarnado, em tamanho natural; do outro, Nossa Senhora (a Senhora do Rosário) toda de branco com um manto azul. Era a Sagrada Família, a Família de Nazaré. Entre Nossa Senhora e o Menino, está o sol empalidecido, a rodar como um brinquedo de criança. O seu tamanho em relação com o das personagens que o rodeiam é o mesmo duma bola de futebol, perante um jogador normal.

S. José levanta o braço e traça três cruces sobre a multidão.

Assim terminou o primeiro acto que foi presenciado por todos os videntes.

2.º ACTO — Agora só Lúcia contempla a Visão. Nossa Senhora aparece de novo ao lado direito do sol. O vestido já não é de neve como atrás, mas arroxeadado cor de sangue (cfr. *O que [alta para a conversão da Rússia]*, pág. 216). O manto porém continua a ser azul. É a Senhora das Dores, a Senhora do Calvário. Tem as mãos ao peito, com os dedos entrelaçados, num gesto de angústia. É a Virgem do Coração Doloroso. Nada faz, nada diz. Aparece e instantes depois, desaparece. É só uma presença, uma lição, um testemunho.

Segundo indica a análise comparativa dos depoimentos dos videntes e dos peregrinos, foi durante a visão da Senhora das Dores, que o milagre do sol atingiu o auge da sensação e do pânico. Essa foi a hora em que a «bola de fogo» se desprende do alto e começou a descer vertiginosamente sobre a terra. Aterrorizado, o povo gritou e ajoelhou na lama. Alguns confessaram os pecados em voz alta, batendo com pedras no peito, convencidos de que chegara o fim do Mundo. Os pastorinhos, porém, absortos na contemplação do que viam ou tinham visto, de nada deram conta.

3.º ACTO — O cenário muda por completo. Durante alguns instantes tudo fica amarelo. Lúcia continua a ser a única vidente. No lugar que a Senhora do Rosário e depois a Senhora do Carmo ocuparam, aparece agora a figura de Cristo Glorioso, vestido de branco, como na manhã da Ressurreição. À sua direita está Maria vestida igualmente de branco, mas com o manto azul do primeiro acto. É a mesma Rainha do Rosário, a Excelsa Rainha do Mundo, toda rodeada de glória ao lado de Cristo-Rei.

O Senhor levanta a mão direita e, repetindo o gesto de S. José, dá a bênção aos peregrinos e ao Mundo.

Nessa hora a «bola de fogo» deixou de rodar e fixou-se de novo na sua antiga posição.

Nessa hora, terminou o primeiro ciclo das aparições da Cova da Iria. Dizemos primeiro, porque há um segundo, constituído pela futura 7.ª aparição da Mãe de Deus, prometida em 13 de Maio de 1917.

P.º MESSIAS DIAS COELHO

POP ALDEIA DAS DEZ

Para a casa da Música, recebemos da Ex.ª Sr.ª Etelvina Freire da Silva, residente na Argentina, 200\$00.

FALECIMENTO — No lugar do Chão Sobral faleceu, no dia oito de Março, a Sr.ª Maria Rita, de 75 anos de idade, viúva de António Lourenço Mendes.

BOAS-FESTAS — Em virtude de o Sr. Prior andar doente e não lhe ter sido possível dar as Boas-Festas, veio fazer o serviço o Sr. P.º João Escaroupa, professor do Seminário da Figueira da Foz.

FARDA DA MÚSICA — Conforme já aqui se noticiou, a direcção da Filarmónica está a preparar uma nova farda para os músicos. Está encarregado de a fazer o Sr. Jorge de Almeida, de Vila Cova d'Alva. A direcção desde já agradece todos os donativos que os amigos da Filarmónica queiram enviar. As despesas são grandes. Precisamos de quem ajude.

Promessas

Do Sr. João Craveiro (marido da assinante da *Voz* Senhora D. Maria de Jesus Ribeiro Craveiro) de Lisboa, em cumprimento de uma promessa por sua neta Izabel recebemos 20\$00.

O Sr. Francisco Dias de Oliveira, da Quinta Nova do Vale, enviou 10\$00 para a Senhora das Precês e 5\$00 para a Senhora das Necessidades.

Para uma família pobre

Um nosso presado assinante e benfeitor de Angola enviou-nos 200\$00 para darmos a uma família pobre para poder passar a Páscoa com alegria. Cumprimos e, quando entregámos a uma mãe de muitos filhos, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas de alegria e de gratidão, pois disse que não tinha que deitar na panela naqueles dias.

Que Deus ajude quem bem faz.

Assine, leia e divulgue a «Voz do Santuário»

Assine, leia e divulgue a «Voz do Santuário».

COM QUEM CONTAMOS PARA VENCER

Exprimem os Salmos um queixume de Deus que a ingratidão dos homens provocou e que diz: «se o meu inimigo tivesse falado mal de mim, eu o teria sofrido por certo... mas tu»...

A traição de amigos foi sempre mais dolorosa do que os golpes dos inimigos. É assim parecida a mágoa que a todo o Portugal causou uma nação grande em si mesma, mas que na amizade considerávamos maior ainda.

Os Estados Unidos, traíram-nos. Através de tratados, alianças e facilidades dispensadas no dispositivo estratégico contra o inimigo comum que sinceramente julgávamos ser o único, sempre correspondemos a uma amizade que tanto nos aproximava e julgávamos fundamentada.

Mas não; a traição no Conselho de Segurança, a que o americano presidia, trouxe-nos amarga desilusão.

Atacada por tantos inimigos a integridade territorial de Portugal, membro da Nato, parece-nos que a letra dos compromissos se impunha, até, que viessem em nossa defesa os que agora se puseram contra nós e ao lado dos inimigos.

Stevenson e Zorine, a América e a Rússia, como outrora Pilatos e Herodes, deram-se as mãos e, inimigos que eram, reconciliaram-se por momentos só para se porem contra o inocente que acusam e caluniam em conjura que faz já correr sangue. Lutaremos, porém, sem temer os colossos; não se extinguirá jamais a força de Deus em que se apoia uma nação que está a reencontrar a sua vocação espiritual. A fundação de David venceu o gigante Golias; e este abandono e desprezo da América nas circunstâncias cruciais que Portugal atravessa bem poderá mostrar à própria Rússia que na nossa firmeza e sobrevivências *digitus Dei est hic* — está bem claro o dedo de Deus.

Não temamos; Portugal não morre. Este pensamento tem de ser uma constante optimista em todas as demais surpresas que possam surgir. E dizêmo-lo, porque temos motivos de ordem sobrenatural para o dizer.

Dentro do notável segredo de Fátima estão estas palavras: já reveladas, de Nossa Senhora à Lúcia: em Portugal conservar-

MANDAMENTOS DA «VOZ DO SANTUÁRIO»

- 1.º — Assinar;
- 2.º — Ler;
- 3.º — Pagar;
- 4.º — Arranjar novas assinaturas.

-se-á sempre o dogma da Fé. Ora quem conserva existirá para conservar. Aquela Mãe, que tem esta Pátria como Sua na terra, pronunciou-lhe o nome: — Portugal.

Que ele, pois, n'Ela confie e avance esperançoso e calmo.

Que ao Seu Imaculado Coração consagre (e já consagrou) o seu povo, o seu exército, os seus governantes, os sacerdotes e os seus fiéis... E apoiados n'Aquela que é um *exército em linha de combate*, venceremos todos os inimigos, fortes que sejam.

PADRE SIMÕES PEDRO

Quem semeia ventos, colhe tempestades

O caso veio publicado nos jornais e a cena triste e lamentável passou-se há dias no Tribunal de Ovar:

Foi julgado e condenado um rapaz de 23 anos, da freguesia de Maceda, acusado de ter espancado o próprio pai. Lida a sentença e já depois dos meritísimos juízes se terem retirado para o seu gabinete, pediu aquele filho para beijar o pai, que embora tendo dado queixa do filho, o defendeu quanto pôde durante o julgamento. Mas, quando todos esperavam enternecidos o encontro de pai e filho, este aproxima-se do autor dos seus dias e, em lugar do beijo respeitoso, deu-lhe uma dentada na cara, deixando-o tão mal tratado, que teve de ser socorrido no hospital. Este acto de malvezes deixou indignados quantos o presenciaram. Não há palavras que classifiquem o procedimento daquele filho, porque um pai pode ter muitos defeitos mas é sempre Pai.

Agora meditemos um pouco. Não colheria aquele pai o fruto da educação que deu ao filho? Pelas informações que temos da vida daquela família, cremos bem que sim. Pais que abandonam o lar deixando filhos ao «Deus dará»; pais que não dão educação moral e religiosa aos seus filhos, ensinando-lhes que toda a autoridade vem de Deus; que não lhes informam a alma e o coração com os seus princípios duma educação cristã; que os deixam abandonados aos caprichos da sorte, ao sabor das paixões e à influência de companheiros sem escrúpulos: — semeiam ventos e mais tarde ou mais cedo, colherão tempestades. Repetimos: reprovamos o procedimento daquele filho degenerado, mas o facto dá matéria para longa e profunda meditação. Todas as vezes que aquele pai vir reflectida no espelho a cicatriz do seu rosto, há-de ouvir a voz da sua consciência dizer-lhe baixinho: quem fez isto foste tu. «Quem semeia ventos colhe tempestades».

Um Bruxo APANHADO na ratoeira

Apesar da Imprensa se vir largamente referindo ao substancial contingente de indivíduos que por meio de actos de bruxaria vêm explorando a credence pública e das autoridades exercerem sobre tais indivíduos apertada vigilância, ainda existem, infelizmente, muitas dessas pessoas de «virtude», que conseguem fugir a essa persistente vigilância, e que, no exercício da sua pernicioso actividade, conseguem infiltrar a desconfiança, o mal estar e, por vezes, até a desgraça num lar.

O comando da secção de Matosinhos da G.N.R. recebeu uma superior comunicação de que, no lugar da Carvalha, em Fânzeres, do concelho de Gondomar, um indivíduo de nome Domingos Martins Olindro, mais conhecido pelo «Olindro da Carvalha», de 44 anos, casado, exercia em sua casa a «profissão» de bruxaria. O comandante do posto deste departamento da G.N.R. sargento sr. Torquato Cardoso da Silveira, na companhia de dois guardas, e todos à paisana, deslocou-se àquele lugar da freguesia de Fânzeres, no intuito de surpreender o aludido bruxo em contacto com as pessoas que na ocasião o «consultavam». Para tal, apresentou-se na sala um consulente inesperado — um dos guardas — que, depois de verificar que também ali se encontrava outra pessoa de Campanhã, no Porto, resolveu interrogar o «Olindro da Carvalha» a propósito de supostos males. A coisa culminou a partir do momento em que ao referido guarda foram «receitadas» drogas associadas a mezinhas para os «males» do estômago, e, embora não determinasse uma importância fixada pelo «trabalho», deixou à vontade do consulente a remuneração que muito bem entendesse. Esta, é que foi má, bastante má para o «Olindro», visto que a mesma se convertera em prisão imediata, sendo depois entregue aos cuidados da Polícia Judiciária, e a consulente convidada a «passar» pelo mesmo departamento policial, para igualmente ser submetida a interrogatório.

(Do «Comércio do Porto»)

O bruxo adivinhava tanto... que nem adivinhou que tinha em casa a Guarda Republicana à paisana.

Já se constroem aviões em Portugal

Nas oficinas Gerais do Material Aeronáutico, em Alverca, já se constroem aviões. Presentemente está a ser executada uma encomenda de 170 aviões.

Há sangue de mártires EM TERRAS DE ANGOLA

Sabe-se agora o verdadeiro fim de mártir do padre italiano Angelo Graziani, pertencente à Ordem dos Capuchinhos da Missão Católica de S. Salvador do Congo.

Saiu o Padre Graziani — segundo refere o superior daquela missão no relatório apresentado à coluna militar que reocupou Buéla — em excursão apostólica pelas sanzalas e aldeias nas margens da estrada entre Gumbe e Buéla.

Na manhã do dia 15 encontrava-se no posto de Pangala, onde os bandoleiros o prenderam e mantiveram amarrado, sujeito aos mais cruéis maus tratos, durante dois dias.

No fim da tarde do dia 16 apareceu um cabecinha dos bandoleiros que perguntou quem era aquele preso. Responderam-lhe que era um padre.

«Padre quê?» — perguntou aquele que parecia o chefe.

«Padre católico», responderam.

«Então o melhor é matá-lo já. Porém, aos pastores protestantes não façais mal».

Acabaram imediatamente com o sacerdote à catanada que até ao último momento conservou, cheio de coragem, o crucifixo no peito olhando o céu, o mesmo fazendo ao catequista preto Tibúrcio, que passara por tratos idênticos.

Depois lançaram os corpos ao capim.

Os bandoleiros, não satisfeitos e num acto de pura selvajaria, destruíram o altar portátil e o terço bem como o breviário do sacerdote. Também as imagens sagradas da capela de Buéla foram estilhaçadas.

O Padre Angelo contava 42 anos e era natural de Sarcedo, Itália. Estava em Angola, desde 1957 e em S. Salvador desde Abril do ano passado.

Contrabando de armas no Brasil

O Serviço Secreto do Exército brasileiro, num inquérito ordenado pelo Presidente Jânio Quadros, descobriu em São Paulo a existência de um bando de contrabandistas de armas, que contava com o apoio de funcionários da Polícia Marítima e Aérea, incluindo o chefe da secção do aeroporto de Congonhas — anuncia o *Jornal do Brasil*.

O principal implicado — Vicente Falbo — chefe da secção daquele aeroporto, foi detido, esperando-se que do seu interrogatório resulte a descoberta de todos os membros de bando, bem como o destino final das armas — pistolas do calibre 45 e metralhadoras ligeiras, principalmente.

Os senhores não se admirem porque no Brasil há muito fermento comunista e basta lá estarem os senhores Galvão, Delgado e companhia.

A n e d o t a s

O professor disse aos alunos: — Vou fazer duas perguntas.

O que responder certo à primeira não terá de responder à segunda.

E fez a primeira pergunta:

— Quantos pêlos tem um cavalo no lombo?

Um dos alunos responde:

— Tem 34.281.

— Como sabes? — pergunta o professor, admirado.

— Perdão, sr. professor. A essa pergunta já não tenho de responder.

— Aonde, vais rica flor?

— Vou à igreja confessar-me.

— A confessar-te? Ora, isso já passou de moda. A mim é que me não apanham lá.

— É que o senhor talvez esteja dispensado.

— Pois ele há gente dispensada de se confessar?

— Pois há. Duas classes de pessoas.

— Quais?

— Os que ainda não chegaram ao uso da razão e os que a perderam já... Os meus respeitos, meu senhor.

O marido, que vai a guiar, diz para a esposa.

— Alguma coisa não funciona bem. Apeia-te, faz favor e vê se os pneus estão cheios.

A senhora cumpre e observa:

— A roda da retaguarda vai vazia, mas é só por baixo. Por cima está bem.

O regedor duma aldeia discute se se deve pôr ou não um portão bem forte no cemitério. Ao fim de muita discussão, um dos assistentes afirma não ser preciso e explica:

— Não vale a pena trancar um sítio onde os que lá estão não podem sair e os que cá estão não querem entrar.

Certa ocasião, um indivíduo chega a uma feira de porcos, e por acaso, depara-se-lhe um grupo de padres. Em voz alta diz:

— Ó que feira eu vim encontrar! Só se vêem porcos e padres.

Virando-se para trás, um dos do grupo perguntou ao esperto feirante:

— Você é padre?

— Eu padre? Não senhor!...

— Entendido: então é porco.